

Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

[Público-alvo] Estudantes do Ensino Médio.

[Número de aulas] 10 a 13 aulas.

[Alinhamento à BNCC]

3 Competências

6 Habilidades

Tema

O estudo dos processos de variação linguística e a construção de uma língua inclusiva para a sociedade atual.

BNCC

Competências Específicas de Língua Portuguesa:

Competência específica nº 2

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

Competência específica nº 3

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Competência específica nº 4

Compreender as línguas como fenômeno (geopolítico, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

Campos de atuação social / Práticas / Habilidades

- **Todos os campos de atuação social**

Práticas:

Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.

Habilidades:

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/ escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

(EM13LP09) Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola.

(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.

Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

- **Campo da vida pessoal**

Práticas:

Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.

Habilidades:

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

- **Campo jornalístico-midiático**

Práticas:

Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica.

Habilidades:

(EM13LP42) Acompanhar, analisar e discutir a cobertura da mídia diante de acontecimentos e questões de relevância social, local e global, comparando diferentes enfoques e perspectivas, por meio do uso de ferramentas de curadoria (como agregadores de conteúdo) e da consulta a serviços e fontes de checagem e curadoria de informação, de forma a aprofundar o entendimento sobre um determinado fato ou questão, identificar o enfoque preponderante da mídia e manter-se implicado, de forma crítica, com os fatos e as questões que afetam a coletividade.

Objetivos gerais:

- Apresentar, ou retomar, aos alunos e alunas as noções relativas à variação linguística, em seus diversos níveis de ocorrência.
- Introduzir a noção de uso da língua como uma ferramenta de poder que pode ser usada como instrumento de empoderamento dos sujeitos, por exemplo, as mulheres.
- Possibilitar a reflexão sobre movimentos atuais de mudança e de variação da língua presentes nas mídias, sobretudo no meio digital, e reconhecer os conflitos



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

ideológicos existentes nesses processos, sobretudo nas propostas de uma linguagem inclusiva.

Roteiro de atividades

1ª Etapa: A língua em movimento: processos de variação no uso da língua (2 aulas)

Objetivos:

- Refletir sobre a variação linguística.
- Identificar e comparar fenômenos reais de variação da língua portuguesa em uso.

Atividades:

1. Apresente brevemente o que é a variação linguística e a noção de “níveis de variação” (lexical, fonético, morfológico, etc.). Reproduza o vídeo [Variações Linguísticas Regionais](#)¹ que traz um compilado de comentários sobre a variação linguística diatópica, com exemplos de variação lexical, fonética, morfológica, etc.

2. Peça aos alunos e alunas para identificarem quais níveis de variação linguística eles(as) reconhecem no vídeo e seus respectivos exemplos. É esperado que a turma consiga identificar uma grande quantidade de elementos de variação lexical, que é mais comum no uso da língua em diferentes localidades, contudo é importante que a turma seja levada a considerar também os exemplos de variação fonética, como os sotaques regionais, além de variações morfossintáticas, como a alteração do pronome de tratamento “vossa mercê” para “você”, e formas mais reduzidas, “ocê” e “cê”. O objetivo é que consigam compreender a língua como fenômeno social em constante variação.

3. Divida a turma em 5 grupos, eles receberão o nome de uma das cinco regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul). Cada grupo deverá pesquisar ou discutir entre si fenômenos de variação linguística presentes em cada uma das regiões. Nesta etapa é importante que estimule a pesquisa em sites confiáveis sobre o assunto.

É importante ter previamente alguns exemplos para auxiliar os grupos que possam ter dificuldades na pesquisa, o site do projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil ([Projeto](#)

¹ Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=iu4ra9tkFWM>.



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

[ALiB](#)²⁾ contém publicações que podem ser uma fonte interessante de dados de variação, em especial esta publicação de catalogação de [variados artigos](#)³.

4. Os resultados deverão ser apresentados para os demais, pode-se elaborar a apresentação em formato de slides, cartazes, pequenas cartilhas, etc.

2ª Etapa: Língua e poder: pode a língua excluir as pessoas? (1 ou 2 aulas)

Objetivos:

- Refletir e compreender a língua como um instrumento de poder social.
- Identificar processos de preconceito linguístico e compreendê-lo como um fenômeno social de marginalização.

Atividades:

1. Organize a sala de aula em formato de círculo.
2. Proponha a leitura do texto [Português brasileiro tem nota menor e rede discriminação em escolas e universidades em Portugal](#)⁴. Adapte o texto se julgar necessário.
3. Instigue os alunos e alunas a reflitam se já sofreram algum tipo de preconceito linguístico, se vivenciaram ou presenciaram alguma situação em que a forma de falar de uma pessoa foi motivo de piada ou de preconceito. Importante que a turma reflita sobre o que é esse tipo de preconceito. Retome os exemplos do texto lido e apresente outras formas desse tipo de exclusão pela língua, se necessário. Uma excelente fonte de referências é o livro ["Preconceito Linguístico: o que é, como se faz"](#)⁵, do linguista Marcos Bagno; também a linguista Marta Scherre aborda a temática em [entrevista publicada pela UFF](#)⁶.
4. Peça aos alunos e alunas que elaborem, ainda que hipoteticamente, como eles(as) imaginam que a língua possa ser usada como instrumento de poder, para incluir e não segregar as pessoas. Incentive que haja uma troca de ideias entre a turma.

É importante que os alunos e alunas sejam levados(as) a compreender o preconceito linguístico como uma forma de poder que algumas pessoas exercem sobre outras. Aqui, a ideia de que a língua é um instrumento que pode segregar é relevante, mas também é

² Disponível no link <https://alib.ufba.br/>.

³ Disponível no link https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/descrevendo_a_lingua_formando_jovens_pesquisadores_-_dvd_1_2009.pdf.

⁴ Disponível no link <https://www.faroldabahia.com.br/noticia/portugues-brasileiro-tem-nota-menor-e-rende-discriminacao-em-escolas-e-universidade-s-de-portugal>.

⁵ Disponível no link <https://brasilecola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm>.

⁶ Disponível no link http://moodle.stoa.usp.br/file.php/1054/textos/Norma_e_Ensino/SCHERRE_entrevista.pdf.



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

imprescindível que eles e elas a entendam igualmente, como uma ferramenta usada para incluir, gerar identificação e representatividade entre os indivíduos falantes.

3ª Etapa: A mulher na sociedade, a mulher na língua! (1 ou 2 aulas)

Objetivos:

- Discutir sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea.
- Compreender e refletir sobre como as mudanças do papel social das mulheres podem estar refletidas no uso da língua.

Atividades:

1. Organize a turma em um círculo. Exiba o vídeo “[Mulheres Fantásticas](#)”⁷ de Wangari Maathai” - o vídeo faz parte de uma série de pequenas animações sobre a história de grandes mulheres produzida pela Rede Globo, há diversos disponíveis no YouTube, escolha outro se achar necessário.

2. A partir da história relatada no vídeo, peça que a turma reflita sobre o lugar da mulher na sociedade, instigue a pensarem e compartilhem sobre quais são as mudanças que ocorreram desde o século XX no papel das mulheres em nossa sociedade e no mundo. É relevante que eles troquem informações sobre as mudanças em todas esferas sociais (trabalho, política, artística, cotidiana, etc.). A atividade pode ser realizada com a turma em círculo, para uma roda de conversa em que todos(as) sejam estimulados(as) a trocar ideias e participar.

3. Proponha à turma agora uma questão: “As mudanças sociais da mulher podem mudar a forma como a língua é usada?” Espera-se que a turma justifique e explique suas respostas.

Fundamental ter em mente que a resposta para essa pergunta é positiva, a mudança das dinâmicas políticas, por exemplo, passou a exigir novas nomenclaturas para cargos políticos, novos nomes para profissões, entre outros contextos de uso. O texto a seguir proposto como leitura serve como ilustração concreta desse processo de mudança da língua em decorrência das mudanças da estrutura política.

4. Realize a leitura do texto “[Falar “presidenta” é tão correto quanto “presidente” - CartaCapital](#)”⁸. Após a leitura, contextualize a “polêmica” presente no texto, considere

⁷ Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=pu5uSL5w7WA>.

⁸ Disponível no link <https://www.cartacapital.com.br/politica/falar-201ca-presidenta201d-e-tao-correto-quanto-201ca-presidente201d-3220/>.



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

que muitos alunos e alunas possam desconhecer o debate gerado em torno da escolha da palavra “presidenta” pela então presidenta Dilma Rousseff em 2011.

5. Peça que os alunos e as alunas reflitam e apresentem outros exemplos de usos da língua que passaram por mudanças devido às transformações do papel social das mulheres. A atividade pode ser realizada com a turma em círculo, para uma roda de conversa em que os alunos e alunas sejam estimulados/as a trocar ideias e participar. Para guiar as discussões, proponha perguntas como:

- *As novas profissões exercidas por mulheres podem modificar os nomes dessas profissões?*

(Sugestão de leitura: [“Diplomas de graduadas terão que grafar profissões no feminino”](#)⁹).

- *A entrada das mulheres em maior número nos espaços políticos, como Câmaras de Vereadores e Assembleias Legislativas, modifica a forma como a língua é usada?*

Sim, há uma mudança na forma como as pessoas nesses espaços fazem usos de vocativos, como o uso dos pronomes de tratamento “senhor” e “senhora” (Sugestão de leitura: [Mudanças nas estratégias nominais para a referência a seres humanos em discursos parlamentares do Rio Grande do Sul](#)¹⁰).

4ª Etapa: Língua(gem) inclusiva: o que é e como se faz? (2 a 3 aulas)

Destaca-se como é importante ter em mente o que é o conceito de linguagem ou língua inclusiva, já que esse é um assunto muito recente e pouco debatido, mesmo entre as(os) profissionais da língua (linguistas, professoras/es) de língua, etc.). Por isso, sugerimos abaixo, alguns materiais de estudo que podem ser úteis para a preparação do conteúdo dessas aulas.

- *“Temos espaço para um pronome neutro? O lugar de uma linguagem inclusiva na sala de aula”*, de Marcos Paulo Santos (este artigo encontra-se em ANEXO ao final deste plano de aula).

⁹ Disponível no link

<https://extra.globo.com/noticias/brasil/diplomas-de-graduadas-terao-que-grafar-profissoes-no-feminino-4497560.html>.

¹⁰ Disponível no link <https://digilib.phil.muni.cz/handle/11222.digilib/144085>.

Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

- ["Mudanças nas estratégias nominais para a referência a seres humanos em discursos parlamentares do Rio Grande do Sul \(Brasil\)"¹¹](#), de Eduardo Tadeu R. Amaral e Marcos Paulo Santos.
- ["Uso das linguagens inclusiva e neutra mostra movimento das formas de comunicação"¹²](#) (reportagem produzida por Maria Carolina Martins, Marcelo Duarte, Jessika Viveiros e Naiana Andrade).
- ["8 polêmicas sobre gênero neutro na língua"¹³](#), vídeo de Jana Viscardi.
- ["Gênero neutro destruindo o português: Argumentos estapafúrdios"¹⁴](#), vídeo de Jana Viscardi.
- ["Linguagem inclusiva"¹⁵](#), vídeo do canal Parábola Editorial.
- ["A estrutura da língua e a criação de gênero neutro: Roseta"¹⁶](#), de Dante Lucchesi.
- ["Língua para todes: um ensaio sobre o gênero neutro"¹⁷](#), de Anderson Rodrigues.

Objetivos:

- Compreender a linguagem (ou língua) inclusiva como um processo de variação da língua em uso e como um fenômeno recente.
- Identificar e comparar os processos envolvidos na proposta de uma linguagem inclusiva e refletir sobre como e onde eles têm sido usados.

Atividades:

1. Peça que os alunos e alunas se dividam em pequenos grupos, 3 ou 4 integrantes.
2. Apresente à turma a ideia geral do que é a linguagem inclusiva. Destaque de modo geral os objetivos da proposta (uma maior marcação da figura das mulheres, quando necessário, no uso da língua, ou até a neutralização de gênero). Destaque como esse

¹¹ Disponível no link <https://digilib.phil.muni.cz/handle/11222.digilib/144085>.

¹² Disponível no link <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/pesquisador-da-ufmg-revela-curiosidades-e-mudancas-na-comunicacao-brasileira>.

¹³ Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=TMNBbsV8LKc>.

¹⁴ Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=TMNBbsV8LKc>.

¹⁵ Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=2iDSTkWxtlw>.

¹⁶ Disponível no link <https://www.roseta.org.br/2021/02/22/a-estrutura-da-lingua-e-a-criacao-de-genero-neutro/>.

¹⁷ Disponível no link <https://andersonrodrigues.pro.br/lingua-para-todes-um-ensaio-sobre-o-genero-neutro/>.



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

assunto é amplo e complexo, com diferentes vertentes, e como muitos debates sociais têm ocorrido recentemente, sobretudo a nível político.

3. Cada grupo deverá pesquisar a respeito do que é a linguagem inclusiva (a atividade pode ser feita na sala de informática da escola ou, se não houver disponibilidade ou possibilidade de uso dessa sala, a pesquisa poderá ser realizada em casa). Peça que os alunos e alunas registrem suas pesquisas no caderno, identificando a fonte das informações, sites, autores, etc., e os principais pontos encontrados sobre o tema. Destaque que o registro é essencial, pois ele será usado posteriormente. Pode-se apresentar algumas perguntas para guiar as pesquisas dos grupos:

- *O que é a linguagem inclusiva de gênero?*
- *Quais os objetivos propostos para o uso dessa forma de linguagem?*
- *O que são os “pronomes neutros”?*

Não há uma lista exata de pronomes considerados neutros, há apenas usos sendo feitos, sobretudo na internet, que tentam expressar uma marcação neutra de gênero gramatical, como os pronomes “tode(es)”, “elu”, “delu”, etc., ou até marcas em substantivos ou adjetivos, como “amigues”, “menine”, “bonite”, etc. É importante ter em mente que esse é um assunto em discussão e em construção, como veremos na etapa 5, não há qualquer prescrição normativa desses usos, apenas se propõe levar para a sala de aula uma reflexão crescente na sociedade.

- *Como os símbolos “x” e “@” são empregados na internet como forma de linguagem inclusiva?*

Assim como as marcas de gênero gramatical neutro, há pessoas, em geral nos textos escritos na internet, que fazem uso de símbolos, “x” e “@”, em substituição aos morfemas de gênero de algumas palavras de referência a seres humanos, como: “alunxs”, “menin@s”, etc.

- *Quais os argumentos e ideias daqueles que defendem o tema?*
- *Quais os argumentos e ideias daqueles que são contrários ao tema?*

Destaca-se aqui como o tema pode ser “polêmico”, e as pesquisas trazerem ideias muito conflitantes, como a defesa do uso ou a colocação das propostas como incompatíveis com a língua e até mesmo com o ambiente escolar (sobretudo ao se falar em pronomes “neutros”, ou gênero gramatical “neutro”). Nesse sentido, professor(a), é essencial o seu papel como mediador desses conflitos de ideias junto aos grupos e na proposta de



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

atividade a seguir.

4. Após as pesquisas, divida os grupos em dois conjuntos e proponha um debate entre elas(es). Um conjunto deverá “defender” as propostas nas ideias da linguagem inclusiva, o outro conjunto se posicionará contrário ao processo de variação. Destaque a importância da defesa das ideias de modo fundamentado, com bons argumentos.

5. Finalizadas as trocas do debate, destaque como o tema é recente e gera na sociedade as discussões ali presentes.

6. Por fim, sugere-se que seja apresentado à turma o [*"Manual para uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende"*](#)¹⁸ – Manual elaborado em 2014 pelo então governo do estado do Rio Grande do Sul como instrumento de uso da linguagem inclusiva e de promoção da igualdade de gênero. A apresentação do texto pretende permitir aos alunos e alunas o contato com a ideia de que a discussão sobre a linguagem inclusiva é ampla e pode se dar de forma concreta. Sugere-se que o(a) professor(a) busque no manual os exemplos práticos apresentados de como a linguagem pode ser usada mais inclusiva.

5ª Etapa: Na escola, há espaço para “todes”? (2 aulas)

Objetivo:

- Comparar as propostas da linguagem inclusiva com as regras da norma-padrão da língua portuguesa para refletir sobre os contextos de uso das variantes linguísticas.

Atividades:

1. Organize a turma em um círculo para uma roda de conversas.
2. Retome as noções gerais da linguagem inclusiva discutidas nas aulas anteriores, apresente sobretudo as ideias relacionadas às propostas de uma “linguagem neutra” com o uso de “pronomes neutros”. Discuta com os alunos e alunas sobre as pesquisas que eles realizaram na etapa 5, sobre o que mais pode ter chamado a atenção deles, etc.
3. Proponha uma discussão entre a turma a partir da seguinte pergunta: “Posso usar uma expressão como ‘todes’ em texto de uma prova ou vestibular, por exemplo?”. Espera-se, neste momento, que a turma seja capaz de apresentar ideias divergentes sobre o questionamento, além de elaborar uma resposta que leve em consideração a noção de

¹⁸ Disponível no link

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

situações comunicativas, isto é, há determinados contextos para determinados usos linguísticos, seja em uma comunicação oral, seja em uma comunicação escrita.

É imprescindível destacar como as avaliações, ou mesmo texto formais que circulam socialmente, ainda devem seguir as regras da norma-padrão da língua portuguesa. Assim como não usamos variantes informais ou orais em textos escritos formais, não podemos fazer uso de formas que não estão presentes na norma-padrão do português, como os “pronomes neutros”.

4. Sugere-se retomar alguns exemplos apresentados na aula anterior, retirados do “Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende”, para reforçar como é possível realizar o uso de uma linguagem inclusiva e também respeitar as regras gramaticais da norma-padrão.

5. Sugere-se que, como atividade final, os alunos e alunas produzam materiais de divulgação sobre o tema, como cartazes ou mesmo cartilhas, físicos ou digitais. Essa produção tem como objetivo a retomada geral de todos conceitos abordados, desde a noção de variação linguística, passando pelo uso da língua como uma ferramenta de poder e de inclusão das pessoas.

Nessa atividade final, a abordagem da linguagem inclusiva e neutra tem o objetivo de ser refletida sobre os contextos de uso, considerando que alunos e alunas podem fazer uso desse recurso em seu dia a dia e devem compreender aspectos relacionados às formas e aos momentos de usar, ou não, tais estratégias.

6ª Etapa: Língua(gem) inclusiva: quando pode? (2 aulas)

Objetivo:

- Comparar as propostas da linguagem inclusiva com as regras da norma-padrão da língua portuguesa para refletir sobre os contextos de uso das variantes linguísticas.

Atividades:

1. Organize a turma em um círculo para uma roda de conversas.
2. Retome as noções gerais da linguagem inclusiva discutidas nas aulas anteriores, apresente sobretudo as ideias relacionadas às propostas de uma “linguagem neutra” com o uso de “pronomes neutros”. Discuta com os alunos e alunas sobre as pesquisas que eles realizaram na etapa 5, sobre o que mais pode ter chamado a atenção deles, etc.



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

3. Proponha uma discussão entre a turma a partir da seguinte pergunta: “Posso usar uma expressão como ‘todes’ em texto de uma prova ou vestibular, por exemplo?”. Espera-se, neste momento, que a turma seja capaz de apresentar ideias divergentes sobre o questionamento, além de elaborar uma resposta que leve em consideração a noção de situações comunicativas, isto é, há determinados contextos para determinados usos linguísticos, seja em uma comunicação oral, seja em uma comunicação escrita.

É imprescindível destacar como as avaliações, ou mesmo texto formais que circulam socialmente, ainda devem seguir as regras da norma-padrão da língua portuguesa. Assim como não usamos variantes informais ou orais em textos escritos formais, não podemos fazer uso de formas que não estão presentes na norma-padrão do português, como os “pronomes neutros”.

4. Sugere-se retomar alguns exemplos apresentados na aula anterior, retirados do “Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende”, para reforçar como é possível realizar o uso de uma linguagem inclusiva e também respeitar as regras gramaticais da norma-padrão.

5. Sugere-se que, como atividade final, os alunos e alunas produzam materiais de divulgação sobre o tema, como cartazes ou mesmo cartilhas, físicos ou digitais. Essa produção tem como objetivo a retomada geral de todos conceitos abordados, desde a noção de variação linguística, passando pelo uso da língua como uma ferramenta de poder e de inclusão das pessoas.

Nessa atividade final, a abordagem da linguagem inclusiva e neutra tem o objetivo de ser refletida sobre os contextos de uso, considerando que alunos e alunas podem fazer uso desse recurso em seu dia a dia e devem compreender aspectos relacionados às formas e aos momentos de usar, ou não, tais estratégias.

Referências bibliográficas:

ABRAÇADO, Jussara. Entrevista com Maria Marta Pereira Scherre sobre preconceito lingüístico, variação lingüística e ensino. Revista Cadernos de Letras da UFF–Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário, Rio de Janeiro, n. 36, p. 11-26, 2008.

ALib - Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 15 out. 2024.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SANTOS, Marcos Paulo. Mudanças nas estratégias nominais para a referência a seres humanos em discursos parlamentares do Rio Grande do Sul (Brasil). Études romanes de Brno. Vol. 42, iss. 1, pp. 163-183. 2021. Disponível em: <https://digilib.phil.muni.cz/handle/11222.digilib/144085>. Acesso em: 15 out. 2024.



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

Atlas linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores. 2009.

Disponível em:

https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/descrevendo_a_lingua_formando_jovens_pesquisadores_-_dvd_1_2009.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

CARTACAPITAL (Brasil). Falar “presidenta” é tão correto quanto “presidente”.

CartaCapital, 29 nov. 2014. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/politica/falar-201ca-presidenta201d-e-tao-correto-quant-o-201ca-presidente201d-3220>. Acesso em: 15 out. 2024.

Diplomas de graduadas terão que grafar profissões no feminino. Extra. Disponível em:

<https://extra.globo.com/noticias/brasil/diplomas-de-graduadas-terao-que-grafar-profissoes-no-feminino-4497560.html>. Acesso em: 15 out. 2024.

FAROL DA BAHIA. Português brasileiro tem nota menor e rende discriminação em escolas e universidades de Portugal. Farol da Bahia. Disponível em:

<https://www.faroldabahia.com.br/noticia/portugues-brasileiro-tem-nota-menor-e-rende-discriminacao-em-escolas-e-universidades-de-portugal>. Acesso em: 15 out. 2024.

JANA VISCARDI. “Língua para todes: um ensaio sobre o gênero neutro”. Blog:

Anderson Rodrigues. Disponível em:

<https://andersonrodrigues.pro.br/lingua-para-todes-um-ensaio-sobre-o-genero-neutro/>.

Acesso em: 15 out. 2024.

Linguagem neutra e sua inclusão na comunicação. YouTube: TV UFMG. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=o4CKf3PTgck>. Acesso em: 15 out. 2024.

Mulheres Fantásticas #10 | Wangari Maathai. YouTube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=pu5uSL5w7WA>. Acesso em: 15 out. 2024.

SANTOS, Marcos Paulo. Sexismo linguístico e nomes gerais: a construção de uma língua inclusiva. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos da UFMG). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2019. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/1843/LETR-BAERAK>. Acesso em 15 out. 2024.

TOLEDO, Leslie Campaner de et al. Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

VARIAÇÕES Linguísticas Regionais. YouTube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=iu4ra9tkFWM>. Acesso em: 15 out. 2024.

Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

Sobre o autor:

Marcos Paulo Santos é mestre em Variação e Mudança Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Recebeu o Prêmio de Melhor Dissertação do Poslin/UFMG de 2019 com o estudo da temática da linguagem inclusiva. Atua como professor de língua portuguesa na rede pública estadual de Minas Gerais, professor de redação para o ensino médio e revisor de textos na rede privada de Belo Horizonte.

Contato: marcospaulomp02@gmail.com

Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

Imagine a situação: ao chegar na sala de aula, a professora ou o professor saúda as alunas e alunos como um bom e velho “Bom dia a todos”. Em um uso mais inclusivo, a enunciação se daria por meio de um “Bom dia a todas e a todos” (a ordem entre o termo “masculino” ou o “feminino” está ao gosto de quem fala).

Por que esse uso seria interpretado como mais inclusivo? O grupo de pessoas presente na sala de aula, em geral, tende a ser heterogêneo, composto por meninas e por meninos, e assim se buscaria marcar também a figura feminina no discurso.

As estratégias disponíveis para um uso mais inclusivo dentro do próprio sistema linguístico são variadas, e podendo incluir estruturas como: “Bom dia, pessoal” ou “Bom dia, pessoas”. Tais estratégias se propõem a serem mais inclusivas para a figura das mulheres quando deixamos de usar o já consagrado e prescrito pelas gramáticas tradicionais “masculino genérico”.

Grupos e movimentos sociais veem no uso de uma linguagem inclusiva uma forma de combate à exclusão da mulher na sociedade, já que a língua tem sido um instrumento usado como forma de demarcar relações de poder ao longo de toda história.

Contudo, as ideias relacionadas ao uso desse tipo de linguagem se tornam mais complexas quando esses mesmos grupos sociais apostam na elaboração de um uso neutro de determinados elementos linguísticos, como os pronomes. Por exemplo, há propostas e usos muito comuns em ambientes digitais, como as redes sociais, em que se sugere o uso de pronomes como “todes”, em variação com “todos” e “todas”. Aqui há a aplicação de um morfema –e, responsável por neutralizar a distinção entre masculino e feminino presente no gênero gramatical dos pronomes em português.

Tais propostas ainda incluem uso de símbolos como o “x” e o “@”, como “todxs” ou “tod@s”, para criar esse mesmo efeito de neutralidade. Reforço, entretanto, que nesses últimos exemplos a aplicação se restringe a contextos escritos e mais informais, já que os símbolos empregados em detrimento das vogais não possuem uma representação fonética possível dentro da língua portuguesa. Apesar dos debates existentes, tais recursos têm se difundido cada vez mais em postagens e fóruns por toda a Internet.

binária): identidade da pessoa não binária que, por alguma razão, pode se aproximar do gênero masculino. Ex.: uma pessoa não binária que tem predileção por elementos tipicamente masculinos, como o vestuário. Neutrois: identidade também chamada de gênero neutro - ou seja, não é nem masculino, nem feminino, nem a mistura dos dois. Demigênero: identidade da pessoa que se identifica apenas parcialmente com determinado gênero. A pessoa pode ser, por exemplo, demimenino ou demimenina. Transfeminina (transfeminine): identidade da pessoa a quem, ao nascer, foi atribuído o gênero masculino, mas se identifica com o gênero feminino. Transmasculino (transmasculine): identidade da pessoa a quem, ao nascer, foi atribuído o gênero feminino, mas se identifica com o gênero masculino. Xenogênero: identidade que abrange vários tipos de gênero que se definem pela associação com seres, sentimentos ou fenômenos, isto é, coisas que não fazem parte do universo binário de gênero. Ex.: pessoas que definem seu próprio gênero com referência a uma cor (gênero-cor). Referência: <https://www.significados.com.br/tipos-de-pessoas-nao-binarias/#:~:text=A%20pessoa%20n%C3%A3o%20bin%C3%A1ria%20%C3%A9,dentro%20do%20bin%C3%A1rio%20de%20g%C3%AAnero.>



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

Em meados de 2020, recebi um e-mail de uma aluna sobre o mesmo tema no qual ela me perguntava sobre a possibilidade de se usar um “pronome neutro”, como “todes”, em uma redação do Enem. Nesse caso, precisei explicar-lhe os problemas de fazer tal uso, uma vez que, na redação do exame, a produção textual é avaliada a partir do conjunto de normas gramaticais prescritas pela “norma-padrão”, e as regras dessa “norma” não preveem usos de morfemas de gênero gramatical neutro em língua portuguesa.

Esse questionamento despertou em mim ao menos dois pensamentos: como a discussão sobre a linguagem inclusiva tem ganhado espaço na sociedade, sobretudo entre pessoas jovens – sem pretender aqui mensurar esse alcance –, e como o tema precisa entrar para o ambiente da sala de aula para que alunas e alunos, diante da diversidade linguística e das próprias propostas que envolvem a questão, possam fazer uso da língua de modo consciente nos diferentes contextos sociais como, por exemplo, em uma avaliação.

Maurizio Gnerre destaca em seu livro *Linguagem, escrita e poder* que “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1998, p. 6). A fala do autor dialoga bem com conceitos que todas as professoras e os professores de português já enfrentaram em sala de aula ao trabalhar aspectos de variação linguística, como a ideia de variantes com mais ou menos prestígio social, ou até mesmo variantes estigmatizadas.

Esses aspectos comuns à variação linguística podem ser observados socialmente quando propostas como a de uma linguagem inclusiva, sobretudo a criação de pronomes ou de marcas de um possível gênero gramatical neutro, começam a avançar na sociedade. E em resposta a esses avanços na sociedade, no ano de 2021, diversos Projetos de Leis e Decretos, tanto em esferas municipais quanto estaduais, vêm sendo criados como mecanismos de política linguística para tentar legislar e impedir que o assunto seja abordado nas salas de aulas.

A existência de uma atitude conservadora e purista com relação à variação e mudança de uma língua (elementos naturais a todas as línguas, como bem sabemos nós, professoras e professores) tentam impedir o pensamento crítico e reflexivo sobre esses mesmos processos e reforçam a importância de uma educação linguística crítica.

Destaco, por exemplo, que nunca foi pretensão ensinar a “falar errado” – um equívoco muito difundido ainda hoje – quando, nas salas de aula, se pretendeu ensinar sobre variantes mais ou menos formais da língua, ou quando professoras e professores de língua portuguesa apresentam às alunas e aos alunos conceitos como o “preconceito linguístico”. Assim, nota-se que ao tentar proibir a discussão sobre um tema como a linguagem inclusiva, empreende-se, na realidade, o apagamento de uma variante linguística e conseqüentemente o silenciamento daquilo que ela tenta representar.

Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

Tendo em vista esse movimento de silenciamento, um argumento muito usado para tentar justificar que o tema sobre linguagem inclusiva não deva fazer parte de possíveis discussões que venham a acontecer em sala de aula tem relação com um aspecto gramatical: o português não teria marcações morfológicas de gênero gramatical masculino. Em uma palavra como “menino”, o –o não seria um morfema de gênero masculino, mas apenas uma vogal temática, e o morfema de gênero se restringiria ao feminino –a, como em “menina” (CÂMARA JR., 2002 [1970]).

Outro argumento usado para negar a reflexão sobre a possibilidade de uma língua mais inclusiva tem relação com a ideia de que o ambiente formal da escola deveria se dedicar exclusivamente ao ensino e à aprendizagem da língua pelo viés de uma “norma” exclusivamente prescritivista, aquela presente nas gramáticas normativas ou no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

E aqui estamos diante de erros básicos sobre o que é língua, o que é estudá-la no ambiente escolar, além de um desconhecimento da própria legislação que trata desse assunto. Dante Lucchesi (2021) comenta como “é preciso atualizar a própria visão de língua, como prática social profundamente permeada pelas disputas de poder e de hegemonia ideológica que se travam na sociedade”.

Nesse sentido, é importante que profissionais da educação estejam empenhadas e empenhados em um ensino crítico e reflexivo da língua. A sala de aula é sim o ambiente de ensino da norma-padrão, sobretudo na sua modalidade escrita, esse é um direito discente e um dever docente, mas a escola é, por natureza, um espaço para a diversidade de pensamentos e deve sempre almejar a construção de um debate democrático, visando à redução de desigualdades e de intolerâncias.

Uma forma interessante de se trabalhar esse tema em sala de aula pode dar-se pelo incentivo à pesquisa de uso: como apontado, formas como “todes”, “todxs”, “tod@s” ou duplicações de substantivos que estão presentes em alguma medida em textos e publicações em toda Internet, e usar essa rica fonte de dados para um trabalho de reflexão linguística pode ser muito proveitoso.

Assim como ocorre com diversas variantes linguísticas presentes na sociedade, o uso de uma linguagem inclusiva, seja através da adaptação de pronomes ou estratégias de neutralização do gênero gramatical, não precisa ser feito obrigatoriamente por professoras, professores, alunas ou alunos, mas isso não impede, porém, que o tema seja objeto de estudo escolar.

Afinal, a língua varia e muda a despeito de nossos desejos particulares.



Linguagem inclusiva: uma face do processo de variação da língua

Referências bibliográficas

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2002 [1970].

LUCCHESI, Dante. A estrutura da língua e a criação de gênero neutro. Roseta, [s. l.], v. 4, n. 1, 2021. Disponível em:
<http://www.roseta.org.br/2021/02/22/a-estrutura-da-lingua-e-a-criacao-de-genero-neutro/>. Acesso em: 15 out. 2024.

GNERRE, Maurizio. Linguagem, Escrita e Poder. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. ISBN 8533609450.

SANTOS, Marcos Paulo. Sexismo linguístico e nomes gerais: a construção de uma língua inclusiva. Orientador: Eduardo Tadeu Roque Amaral. 2019. 133 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.